

capa

MÉDICOS ANGOLANOS SUPERAM OBSTÁCULOS
E COMPLEMENTAM FORMAÇÃO NO BRASIL

Exportando saberes





Os sete médicos angolanos que integraram a primeira turma de aperfeiçoamento nos moldes *fellows* ofertada pelo INCA: expectativa, dificuldades e muitas conquistas

Em 15 de agosto de 2017 quando o médico radio-oncologista angolano Mateus Mboco Kindomba aterrissou no Aeroporto Internacional Tom Jobim, no Rio de Janeiro. Pisava no Brasil pela primeira vez com uma das malas, a maior, carregada de roupas e sapatos novos. Junto com elas, o começo de mais um ciclo: a participação no Programa de Aperfeiçoamento nos Moldes *Fellow*, um projeto de cooperação entre Brasil e Angola para profissionais de saúde oferecido pelo INCA. A chegada à cidade, porém, foi ligeiramente conturbada, pois a tal mala havia desaparecido. “Fiz os processos administrativos junto à empresa aérea e fui para o hotel. Fiquei dois dias sem trocar de roupa. Depois, recebi uma ligação informando que tinham conseguido localizar minha bagagem”, conta ele.

Passado o incidente, começou a adaptação ao Brasil. Tudo transcorria naturalmente até que, no início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto de coronavírus como pandemia, o que acabou alterando a rotina do curso. “Em março do ano passado, o número de pacientes atendidos nos ambulatórios e nos aparelhos de radioterapia precisou ser reduzido e isso afetou o meu treinamento. Também foi impossível fazer estágio fora do INCA. As aulas e reuniões de serviço passaram a ser no formato virtual, o que não é a mesma coisa”, lembra o médico.

Os contratemplos, porém, não impediram o aprimoramento profissional que o radio-oncologista buscava. “Fui muito bem formado. Sou capaz de colocar em prática, em Angola, tudo o que aprendi”, comenta o profissional, que foi escolhido para ser o orador da turma na formação virtual realizada em abril passado. “Fiquei emocionado e me senti honrado”.

APESAR DO LUTO, SEGUIR EM FRENTE

Diferentemente de Mateus, para o médico intensivista Fataki Lombuli, de 39 anos, a adaptação não foi tão simples. Para ele, o Brasil era um país desconhecido. Tudo que sabia era o que tinha visto na televisão ou ouvido de algumas pessoas. Além disso, temeu pela falta de segurança

na cidade e enfrentou problemas burocráticos para alugar um apartamento. No entanto, o pior ainda estava por vir. No dia 26 de agosto do ano passado, a esposa, que chegou à cidade oito meses depois dele com a filha de quase 2 anos, morreu após o parto de sua segunda menina. Fataki conta que pensou em desistir dos estudos e voltar para Angola, mas recebeu apoio total da equipe do Instituto para atravessar o momento difícil e prosseguiu. “Agradeço a todos os funcionários do INCA, começando pela direção, que me deu uma assistência enorme na ocasião do falecimento de minha esposa”.

O curso de aperfeiçoamento acabou sendo a grande motivação de Fataki para superar o período doloroso. “Espero praticar em Angola tudo o que aprendi no Brasil, mas sei que o país tem que disponibilizar mais condições para que eu possa aplicar todo o conhecimento adquirido”, diz ele, que, assim como os outros seis médicos que participaram do programa, foi selecionado pelo Instituto Angolano do Controlo do Câncer (IACC), onde trabalha, e para lá retornou.

LAÇOS DE FAMÍLIA

Se por um lado, um curso fora do país natal pode representar um grande salto profissional, por outro é necessário deixar para trás família e amigos. A escolha nem sempre é fácil. Para o patologista André Salomão Tomás Pedro, de 34 anos, foi duro entender que teria que ficar tanto tempo distante da mulher e dos três filhos.

“Foi uma decisão muito difícil e dolorosa. Estava acostumado a viver junto deles e foi duro saber que ficaria três anos e sete meses longe. Gostaria de tê-los trazido, mas as condições financeiras não permitiram. Enfim, sobrevivi e, graças a Deus, agora estou definitivamente ao lado deles”, conta.

Além da saudade, pesou também, no início, a falta de segurança e uma certa dificuldade em se habituar à vida na cidade. “Apesar de os dois países terem alguns traços em comum, do ponto de vista dos costumes, é uma terra diferente. A língua é a mesma, mas com sotaque diferente, o que tornava algumas palavras incompreensíveis para mim. Depois de algum tempo, fui me adaptando e até entendendo várias gírias. Só assim comecei a me sentir... ‘carioca’”, brinca o médico, que se surpreendeu com o alto custo de vida do Rio de Janeiro.



“Fui muito bem formado. Sou capaz de colocar em prática, em Angola, tudo o que aprendi”

MATEUS MBOCO KINDOMBA, médico radio-oncologista



“Espero praticar em Angola tudo o que aprendi no Brasil, mas sei que o país tem que disponibilizar mais condições para que eu possa aplicar todo o conhecimento adquirido”

FATAKI LOMBULI, médico intensivista

Uma vez iniciado o curso, ele conta que se sentiu à altura dos residentes brasileiros com quem trabalhou. E diz que a chegada do coronavírus não comprometeu seus estudos, apesar de algumas atividades, como os clubes de revistas (reuniões semanais para discussão de artigos científicos), terem sido canceladas. “Tive a sorte de praticar no mesmo nível dos residentes brasileiros. A coordenadora foi totalmente imparcial. Não sofri preconceito institucional durante a formação, o que proporcionou um clima favorável e saudável para o meu processo de aprendizado”, lembra André.

INÍCIO COMO MÃE E MÉDICA

Conciliar maternidade e vida profissional é desafiador. Para a oncopediatra Milungilu Isabel Lumeka, de 34 anos, cuidar de um recém-nascido e concretizar o desejo de cursar o Programa de Aperfeiçoamento nos Moldes *Fellow* foi mais do que isso. Representou deixar o marido em Angola e mudar de continente com um bebê de apenas 1 mês e a mãe. Ela estava grávida de sete meses quando foi selecionada pelo IACC para participar do projeto do INCA e “não podia viajar com um barrigão”. Esperou o nascimento de Alexandre Uziel Lumeka Nazzal, cujo parto foi prematuro, aos oito meses, devido a complicações na gestação e, 30 dias depois, pegou o avião. “Minha partida já estava atrasada há dois meses, fui a última da turma a chegar. Era minha primeira gestação, não sabia como cuidar de um bebê e também não queria perder a chance de fazer a formação”, lembra Milungilu.

Segundo ela, sem o suporte da família e de amigos sua vinda ao Brasil não teria sido possível. “Minha mãe é a heroína dessa história toda. Ela deixou meu pai e meus irmãos para cuidar de mim e do meu filho. Da mesma forma, sou muito grata às minhas orientadoras. Foram família quando precisei, assim como meus amigos brasileiros que me apoiaram bastante”, conta.

Tanto esforço, de acordo com Milungilu, foi recompensado. “Angola tem grande carência de oncologistas pediátricos. Meu objetivo, ao fazer o curso, foi poder ajudar meu país e tentar melhorar as condições para diminuir a mortalidade das crianças com câncer, o que ainda é um problema sério”, comenta.



“Não sofri preconceito institucional durante a formação, o que proporcionou um clima favorável e saudável para o meu processo de aprendizado”

ANDRÉ SALOMÃO TOMÁS PEDRO,
patologista



“Angola tem grande carência de oncologistas pediátricos. Meu objetivo, ao fazer o curso, foi poder ajudar meu país e tentar melhorar as condições para diminuir a mortalidade das crianças com câncer”

MILUNGILU ISABEL LUMEKA, oncopediatra

Quem também chegou ao Brasil acompanhada foi a anestesista Mbambi Cristina Nimi, de 33 anos, que aterrissou no Rio de Janeiro com a filha de 3 anos. Segundo ela, a pandemia de coronavírus não atrapalhou sua formação. A profissional manteve o foco e se sentiu apoiada pela equipe do INCA ao passar por alguns problemas pessoais durante o período. O sustento de Cristina dependia da bolsa paga por seu país, que enfrenta uma crise econômica. “Foram os anos mais difíceis da minha vida, mas contei com o apoio incondicional do INCA, por meio da minha preceptora Anna Lúcia [Rivolli, atual diretora do HC I, uma das unidades do Instituto], meus queridos colegas residentes e os orientadores. O *fellow* superou minhas expectativas. Agradeço ao povo brasileiro por tudo que fez por mim e ele tem a minha eterna gratidão”, diz.



“Foram os anos mais difíceis da minha vida, mas contei com o apoio incondicional do INCA, meus queridos colegas residentes e os orientadores. O *fellow* superou minhas expectativas”

MBAMBI CRISTINA NIMI, anestesista

PROJETO PRETENDE FORMAR 50 PROFISSIONAIS

O Programa de Aperfeiçoamento nos Moldes Fellow para médicos angolanos tem como principais objetivos consolidar a política e o Plano Nacional de Prevenção e Controle de Câncer de Angola e melhorar a atenção prestada aos pacientes do Instituto Angolano de Controlo do Câncer (IACC) quanto à detecção precoce, à confirmação diagnóstica e ao tratamento. O projeto, que prevê ainda oferecer assessoramento técnico brasileiro para a estruturação de uma política nacional de prevenção e controle da doença no país africano, é uma parceria entre os Ministérios da Saúde do Brasil e de Angola. O INCA já desenvolveu projetos similares com Moçambique.

Além de médicos, o programa forma enfermeiros, fisioterapeutas, físicos, psicólogos, dentistas e profissionais de outras graduações para as quais o Instituto oferece formação, de acordo com a disponibilidade de vagas. “A demanda é expressa pelo

parceiro, no caso, Angola. Então, tentamos atender na medida do possível”, explica Livia Pasqualin, da assessoria internacional do INCA.

O acordo com o país vai até 2024 e a previsão é que sejam formados ao todo 50 profissionais para programas de curta, média e longa durações. O curso para médicos totalizou quase 6 mil horas ao longo dos três anos (2018-2021). O projeto tem como instituições cooperantes o Ministério da Saúde do Brasil, a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e o INCA, além do Ministério da Saúde de Angola e o Instituto Nacional de Controlo do Câncer.

“Para mim foi e está sendo gratificante ajudar a escrever a história individual e coletiva de cada país africano que vem pra cá”, declara a médica Sheila Souza, coordenadora da Comissão de Residência Médica do INCA, responsável pelo programa.